



## IDENTIFICAÇÃO DERMATOLÓGICA DO PACIENTE CANINO INFECTADO NATURALMENTE COM LEISHMANIOSE – REVISÃO LITERÁRIA

HENRIQUE DE LIMA ARRUDA

### RESUMO

A Leishmaniose canina trata-se de uma enfermidade bastante agressiva com um aspecto de ser amplamente distribuída em territórios do mundo inteiro, com elevados índices tanto de morbidade quanto de mortalidade nos acometidos. Além de ser uma zoonose, a sua clínica nos cães infectados é considerada variável, uma vez que o animal pode ser portador, mas não apresentar sintomatologia clínica, ou ser oligossintomático, necessitando que haja uma maior busca do médico veterinário para desvendar o correto diagnóstico, por meio de uma minuciosa avaliação das feridas características no paciente, a localidade e o aspecto. Nesse quesito, o trabalho teve como foco o detalhamento de lesões dermatológicas de pacientes soropositivos naturalmente infectados para Leishmaniose. Tomando como princípio, a base da identificação dermatológica, fica mais fácil o olhar diferenciado da população como um todo, para possíveis portadores e fonte reserva de leishmaniose. Assim sendo, é imprescindível que ocorra ações voltadas ao controle e profilaxia direcionadas aos animais sinantrópicos, e cães que residem em áreas de proximidade com matas, tornando-os alvo dessa comunicação da fauna silvestre e o meio urbano próximo dos humanos. Os tornando bastante importantes também na epidemiologia da Leishmaniose nos humanos. Com isso, cabe não apenas ao médico veterinário, mas a população como um todo, ficar mais consciente de aspectos dermatológicos condizentes com a enfermidade, e com isso o trabalho acaba tornando mais fácil a identificação dos animais soropositivos e sendo mais fácil e precoce a oportunidade de medidas preventivas no conceito de saúde única, estabelecendo o equilíbrio ambiental entre natureza, homem e animal.

**Palavras-chave:** Leishmania; Cachorro; Dermato; Caracterização; Cutânea.

### 1 INTRODUÇÃO

Entre as alterações dermatológicas mais presenciadas nos cães positivos sorologicamente para leishmaniose, temos a presença de mucosas pálidas, com acentuada caquexia, notável conjuntivite e principalmente presença de necrose nas pontas das orelhas, e também observa-se em relatos que há descrição de eczema furfuráceo basicamente em todo corpo dos animais infectados. Há também lesões crostosas de aspecto ulceradas ao redor da ponta do focinho, em região de metacarpo e final da cauda do animal. Também são descritos a ausência de pelos periocular, o pelo tende a ficar opaco e com descamação associado a quadros de hiperqueratose nos coxins e em alguns quadros clássicos é possível também notar a presença crescida em exagero das unhas (onicogribose). Quando esses animais estão em um quadro clínico tão grave e avançado, é comum identificar por meio do método de palpação a hipertrofia de linfonodos inguinais, bem como o aumento considerável e assimétrico nos

linfonodos mandibulares, devido a percepção da enfermidade pelo sistema linfático. (CARIOCA et al., 2021).

Todavia, é comum na clínica médica de pequenos animais, a ciência da dificuldade do diagnóstico da doença da leishmaniose apenas a partir de sintomatologia clínica dos animais, já que há variações que são difíceis de agrupá-las em apenas um único conceito, uma vez que os sintomas podem ser comumente achados em outras doenças da rotina médica veterinária. (CAROLLINA et al., 2021). Porém, o propósito deste trabalho, não é fechar o diagnóstico apenas com a apresentação e identificação clássica da leishmaniose, já que ela pode conter diversas formas de apresentação, inclusive até mesmo assintomática. Mas sim, ressaltar algumas das principais apresentações dermatológica das lesões de pele que a leishmaniose costuma apresentar em seus hospedeiros, fazendo com que os tutores de pets e a sociedade como um todo comecem a enxergar as lesões nos animais, não apenas como uma ferida, mas sim, que pode haver um agente infeccioso de grande periculosidade para saúde pública por trás dela, independentemente se for leishmaniose ou não, estaremos contribuindo com a busca pelo diagnóstico precoce das diversas e possíveis enfermidades e com a mudança de atitude ancestral de não levar o animal precocemente ao médico veterinário. Após isso aí sim, caberá ao médico veterinário investigar minuciosamente, diagnosticar por meio de outras técnicas a doença de base e poder instituir o melhor protocolo terapêutico que se adequa aos pacientes acometidos e levados ao médico veterinário. (RODRIGUES et al, 2018).

## **2 MATERIAIS E MÉTODOS**

Neste trabalho foi utilizado o método de revisão de literatura, no qual pudemos elencar tópicos de importância para a problemática dos cães infectados naturalmente por leishmaniose, com estudos comparativos entre animais que não tinham a doença e os sinais dermatológicos dos cães positivos para a enfermidade, para que ocorra o estabelecimento de padrões de identificação do paciente canino infectado e sintomático para a doença.

Foram utilizados cerca de 5 artigos científicos de relevância da medicina veterinária com ênfase na clínica médica e dermatologia veterinária, a pesquisa foi embasada em material dos periódicos capes, scielo e revistas científicas como a pubvet. Ao iniciar a busca nos periódicos, foram utilizados os seguintes termos: Leishmaniose canina, dermatologia leishmaniose, leishmania canina. A busca resultou em cerca de 5,295 artigos. Porém, alguns não se enquadravam por serem antigos e não terem informações precisas e sucintas, dos quais apenas 5 foram selecionados criteriosamente, sendo estes mais recentes em busca de embasar cientificamente as afirmativas neste trabalho, visando segurança na divulgação do conhecimento atual em prol do avanço científico.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Como discutido anteriormente, a infecção por leishmaniose na espécie canina há diversas formas de apresentação, mas quando se demonstra na forma tegumentar, o animal contendo a doença, costuma apresentar-se com lesões muco cutâneas, tendo consigo lesões em formação com aspecto de úlceras com um fundo caracterizado como tecido granulomatoso e com suas regiões de bordas bastante salientes, com histórico de difícil e demorado processo cicatricial principalmente em locais como as pontas de orelhas, margem final do focinho, áreas de flanco do abdome ou no escroto do animal. (CARIOCA et al., 2021).

No quadro a seguir, exemplos de alguns animais antes do tratamento com miltefosina (coluna da esquerda) e 60 dias após o tratamento (coluna da direita).



Um fato importante de ser lembrado, é que independente do quadro clínico. Há tratamento para a enfermidade, não há uma cura, mas há o controle eficiente da carga parasitária no animal e consequentemente há uma evidente melhora no quadro clínico dos pacientes. Haja visto que, as lesões tendem a regressão após um certo período de tempo e o tratamento deve ser feito durante toda a vida do paciente, uma vez que não há cura. (FREITAS et al., 2022).

Fonte: Bula Veterinária do Metilforan.

Os cachorros são relatados nas literaturas como o principal reservatório urbano da doença e o processo de transmissão é melhor permitido em regiões que há uma melhor adaptação do flebotomíneo responsável pela transmissão, que atualmente são mais em áreas de divisa entre o meio silvestre e urbano, permitindo uma gama maior de hospedeiros como animais sinantrópicos como os gambás e cães domésticos como animais urbanos. (MARIGA et al., 2021).

Gambá ou Saruê – Marsupial



Fonte: Fonte F. O. L. Silva, Dissertação de mestrado, 2010.

Canino com lesão sugestiva em ponta de focinho



Fonte: A. Franco, 2010.

Sabendo-se que o diagnóstico da leishmaniose é de grande importância no controle e erradicação do agente infeccioso. Há métodos comum menos invasivo e prático na rotina clínica do médico veterinário, como a punção aspirativa por agulha fina. E nos casos em que o animal apresenta lesões cutâneas ulceração, essas podem ser escarificadas ou fazer um imprint do local. (BRITO et al., 2021). Porém, o importante foco do trabalho, não se ater aos métodos laboratoriais mas sim, criar o indício do raciocínio clínico na sociedade, desenvolvendo o

princípio da suspeita clínica através do levantamento de hipóteses, após a identificação de lesões ulceradas, de bordos arredondados com fundo granulomatoso, que possa assim, levar os animais a terem um diagnóstico precoce e um prognóstico mais favorável, para que não seja levado ao médico veterinário em um estado grave e avançado da doença, permitindo que haja não apenas esse animal, mas sim uma grande possibilidade de inúmeros cães infectados na região. Assim sendo, o projeto de revisão bibliográfica tem um grande papel na cidadania, visando disseminar conhecimento e assegurar a saúde pública como um todo.

#### 4 CONCLUSÃO

Portanto, fica evidente que os animais positivos para leishmaniose, principalmente referente aos que apresentam sintomatologia clínica dermatológica. Demonstram apresentar feridas de aspecto geralmente circulares com borda eritematosa de fundo roseado, localizados geralmente em áreas de extremidades como focinhos, patas, abdome também. Em alguns casos nota-se a presença de onicogribose, perda de peso e entre outras demais situações citadas que auxiliam na suspeita clínica o que facilita a busca por maiores informações visando o diagnóstico definitivo e com possibilidades de tratamento precoce, tanto para o animal com relação ao uso de medicamentos e coleiras repelentes no controle da carga parasitária, quanto para medidas de profilaxia ambiental em relação aos seres humanos da localidade, permitindo ações definitivas de saúde única. Com isso, há uma demanda por maiores ações de conscientização bem como de orientação não apenas aos tutores de cães. Mas sim, para a sociedade como um todo, sobre os riscos dessa enfermidade para com seus pets de estimação, e para si próprios, tanto por meios virtuais ou presencial de divulgações, visando dessa forma garantir a segurança, bem estar, qualidade de vida e saúde dos nossos animais e nossa, consequentemente.

#### REFERÊNCIAS

Adriana Lopes de FREITAS<sup>1\*</sup>, Aline Sayumi Kinoshita<sup>1</sup>, Bruna Zambelli Pimentel<sup>1</sup>, Débora, Auricchio Malheiros<sup>1</sup>, Eliane Rodrigues Oliveira<sup>1</sup>, Gabriela Yasmin da Silva Nascimento<sup>1</sup>, Juliana Beatriz Júlio<sup>1</sup>, Juliana Moreira Paes<sup>1</sup>, Thaina Maria Silva Amorim<sup>1</sup>, Thaísa Lopes Araújo<sup>1</sup>, Bruno Ferreira Pedro Longo<sup>2</sup>. Leishmaniose visceral canina: Revisão PUBVET v.16, n.10, a1245, p.1-20, Out., 2022. <https://doi.org/10.31533/pubvet.v16n10a1245.1-20>

Aishá Ingrid de Sousa BRITO<sup>1\*</sup>, Rebeca Iaínia Pereira<sup>1</sup>, Tahise Magalhães de Oliveira<sup>2</sup>, Milton Rezende Teixeira Neto<sup>2</sup>, Luiz Di Paolo Maggitti Junior. Leishmaniose visceral em canino: Relato de caso, PUBVET v.15, n.12, a980, p.1-6, Dez., 2021. <https://doi.org/10.31533/pubvet.v15n12a980.1-6>

CARIOCA de Souza B<sup>1\*</sup>, Ribeiro Pedrosa G., Santana Gonçalves E., Lourenço Batista R.A., Pereira Lopes L., Fortunato de Lima S., Mambeli Balieiro J.E., Guedes M. Alterações clínicas e anatomopatológicas encontradas em um cão positivo para Leishmaniose Visceral Canina no Município de Varginha, Minas Gerais. Spei Domus. 2021;17(2): 1-10. doi: <https://doi.org/10.16925/2382-4247.2021.02.07>

Carollina MARIGA<sup>1\*</sup>, Daniel Dourado Guerra Segundo<sup>2</sup>, Cinthia Melazzo de Andrade<sup>3</sup>, Alexandre Krause<sup>3</sup>, Saulo Tadeu Lemos Pinto Filho<sup>3</sup>. Prevalência e perfil de cães positivos para leishmaniose em um hospital veterinário do Rio Grande do Sul (2017-2019). PUBVET v.15, n.05, a820, p.1-12, Mai., 2021. <https://doi.org/10.31533/pubvet.v15n05a820.1-12>

Karina dos Santos RODRIGUES<sup>1</sup>, Aline Maia Silva<sup>2</sup>, Anderson Pinto de Almeida<sup>2</sup>, Michelle Costa e Silva<sup>2</sup>, Daniel de Araujo Viana<sup>3</sup>, Alain da Silva Durans Barreto. Leishmaniose canina na cidade de Caucaia, Ceará: Relato de Caso, PUBVET v.12, n.8, a152, p.1-6, Ago., 2018. <https://doi.org/10.31533/pubvet.v12n8a152.1-6>